

ANTONIO
DE OLIVEIRA
DE OLIVEIRA
SEGUNDA PARTE

SERMOES

DO

PADRE DOUTOR
FR. I O S E P H
DE OLIVEYRA

RELIGIOSO DOS EREMITAS DE SANTO
Agostinho, Lente da Sagrada Theologia na Univer-
sidade de Coimbra, & jubilado na sua Religião,
& Qualificador do Santo Officio.

PRIMEIRA PARTE



EM COIMBRA *Com as licenças necessarias*
Na Officina de J O S E P H F E R R E Y R A
Impressor da Universidade Anno 1688.

SERMOES

DO

PADRE DOUTOR

F R I O S E P H

DE OLIVEIRA

RELIGIOSO DOS ERMITAS DE SANTO
Agostão de Loure da Santa Theologia da Univer-
sidade de Coimbra, & Jurado de sua Real
& Real Academia de Santo Officio.

PRIMEIRA PARTE



EM COIMBRA Com a Real Academia de
No Officio de F R I O S E P H
Professor da Universidade de Anno 1788.



*Censura do Illustrissimo Senhor Dom Fr. Clemente Vieyra Bispo
de Angra.*

O Bedecendo a este mandado de V.P. muito Reverenda, li os quinze Sermoens, com que neste primeiro tomo quer sahir a luz o M. R. P. M. Fr. Ioseph de Oliveyra Lente da Universidade de Coimbra, & Qualificador do S. Officio: & me parecerão tão dignos de se imprimirem, que negarelhe a licença, seria querer privar aos Prêgadores do exemplar mais perfeito, ao mûdo da melhor politica, & maior doutrina: & a nòs dos grandes creditos q̄ nos assegura a noticia do Autor; porq̄ em tudo estão obra tão propriamente sua, que compondo nelle hũ espelho de perfeiçõs pera todos, fez juntamente hum compendio das suas prerogativas. Nelles quem os ler com attenção, o verà qualificador, pela conformidade com a Fè, & bõs costumes; pois nem a fè se acha offendida, mas desaggravada, nem os bons costumes se encontrão, mas se persuadê: filho da Aguia de Agostinho, pelo sublime do estilo, subido dos discursos, & sutil dos pensamentos: Ioseph, pelos augmentos da sabedoria, & excessivo da clareza, & eloquencia: Oliveyra, pelo copioso das flores, & abundante dos frutos: finalmente Mestre da Universidade, por universal em tudo; porque tudo se acha nesta sua obra, com tão singular engenho, & boa disposição, que se pòde dizer delle com propriedade: *Aquila in nubibus*: & deve ser numerado entre aquelles insignes, & prodigiosos Varoens, de quem disse Cicero: *Sunt autem quidam ita in rebus habiles, ita natura muneribus ornati, ut non nati, sed ab aliquo Deo facti videantur.* Este he meu parecer. Coimbra no Collegio de Nossa Senhora da Graça aos 10. de Março de 1687.

Fr. Clemente Vieyra.

Licença

*Lib. 1. de
Orat.*

Licença da Ordem.

O Prezétado Fr. Pedro de Noronha Reytor Provincial da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho nosso P. nestes Reynos de Portugal, pela presente damos licença ao M. R. P. M. & Doutor Fr. Ioseph de Oliveyra Qualificador do S. Officio, & Lente da Vniversidade de Coimbra (havendo as mais licenças necessarias) pera imprimir hum tomo de Sermoês; por quanto sendo examinado por commissão nossa, pello M. R. P. M. & Doutor Fr. Clemente Vieyra Qualificador do S. Officio, & Lente da Univerfidade o approvou, & nos informou q̄ se podia, & devia imprimir. Dada neste Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa aos 15. de Março de 1687.

O Presentado Fr. Pedro de Noronha Reytor Provincial.

Censura do M. R. P. M. Doutor Fr. Luis da Purificação Lente da Vniversidade de Coimbra, & Qualificador do S. Officio.

P Or ordem dos Illustrissimos Senhores Inquisidores vi este livro de Sermoens do M. R. P. M. Fr. Ioseph de Oliveyra Religioso dos Eremitas de S. Agostinho, Doutor & Lente na Sagrada Theologia da Univerfidade de Coimbra, & Qualificador do S. Officio. Estes sermoês são quinze no numero, milhares na admiração; porq̄ não offendendo a Fee, nem bons costumes, contê todos, & cada hum delles, alem da muita erudição, & utilissima doutrina, hũa notavel subtileza em discursar, elegancia no dizer, vehemencia no persuadir; com o que, se a sabedoria, & palavra de Deos tambem se compara à rosa, ou pela suavidade de sua fragrancia com q̄ nos agrada, ou pelos espinhos de nossas culpas com que nos fere, nas rosas, ou rosarios predicativos este insigne prègador parece poem os extremos; que impressos cuidão serãõ para a virtude incentivos, para a predica exemplares, para a discrição delicias, para tudo utilidade. Este he o meu parecer. Coimbra, Collegio de S. Hieronymo 23. de Mayo de 1687.

*Quasi
plantatio
rosæ in
Iericho
Ecclesiasti-
stici 24.*

Fr. Luis da Purificação.

Censura

Censura do M. R. P. M. Doutor Fr. Francisco Ribeyro Lente da Universidade de Coimbra, & Qualificador do S. Officio.

POr mandado dos Illustrissimos Senhores Inquisidores vi este livro de Sermoões do M. R. P. M. Fr. Ioseph de Oliveyra Religioso dos Eremitas de S. Agostinho, Lente da Sagrada Theologia da Universidade de Coimbra, Iubilado na sua Religião, & Qualificador do S. Officio: & sendo sómente a primeira parte, me parece desempenha em todo o grande conceito q̄ se tem de seu Autor, cujo applauso no pulpito tão conhecido, he muito justo se eternize nas memorias desta estampa, para q̄ igualmente sejam ditos os futuros, & os presentes. Como filho de tão illustre Familia bem mostra imitar ao Flamante Sol de tão eclarecido Pay, Aguia, & princepe dos engenhos, Fenix de Africa para mayor luz da Igreja: como Sol no estilo tão luminoso, como Aguia na agudeza dos conceitos, como Fenix na singularidade dos discursos; & assim como o imita nos remontes do juizo, bem podemos esperar o imitará tambem no innumeravel de seus escritos. E se Plinio o moço julgou ser mui feliz quem obra cousas dignas de serẽ escritas, & quem escreve coulas dignas de serẽ lidas: *Felices quibus contigit, aut facere scribenda, aut scribere legenda*, sem duvida parece q̄ o Autor ha de conseguir de mui feliz o renome; pois os Sermoões tão dignos de serem escritos os escreve de modo, que merecem ser perpetuamente lidos: Tem tanto de elegante o seu estilo, na elocução tão fertil de doutrina tão solida como authorizada, & tão aguda como solida, q̄ não pôde deixar de não dar muito resplandor aos prẽgadores com q̄ se pôde dizer pelo Autor o q̄ Deos mandou dizer por Ieremias: *Olivam uberem, pulchram fructiferam, speciosam vocavit Dominus nomen tuũ* cap. 11. E por este livro o q̄ Salviano disse na Epistola ad Eustochium: *Legi librum, quem transmisisti mihi stilo brevẽ, doctrina uberem, sectione expeditũ, instructione perfectum, menti tuæ, ac pietati parem*. E se não entendera q̄ fazia offensa à modestia de quem o compoz fora este meu testemunho panegyrico de seus merecimentos, & não censura de sua doutrina. Materia tão sagrada bem se vê q̄ leva consigo todos os abonos, & aõde tudo são acertos pera a salvação, claro está q̄ não haõ de haver erros para a censura. Este he o meu sentir, & sentirei não se dar logo à estampa com a brevidade possivel. Coimbra Collegio do Carmo 2. de Junho de 1687.

Fr. Francisco Ribeyro.

Vistas as informações podese imprimir o tomo de Sermoens, de que esta petição faz menção, que são do P. Doutor Fr. Joseph de Oliveyra da Ordem de S. Agostinho, & depois de impressos tornarão pera se conferir, & dar licença que corraõ, & sem ella não correrà Lisboa 6. de Junho de 1687.

*Ieronymo Soares. Bento de Beja de Noronha.
Pedro de Attayde de Castro. Fr. Vicente de S. Thomaz.*

Do Ordinario.

Vistas as licenças do S. Officio podese imprimir. Coimbra 14. de Junho de 687.

I. Bispo Conde.

Censura do M. R. P. M. & Doutor Fr. Balthazar do Basto.

Mandoume V. Magestade ver os quinze Sermoens que contem este livro, compostos, & prègados pello M. R. P. M. Fr. Joseph de Oliveyra Cathedratico da Vniversidade de Coimbra da Sagrada Ordem do Grande P. S. Augostinho. Em todos elles não achei cousa contra nossa Santa Fee & Religião Catholica, nem contra o serviço de V. Magestade, & credito do Reyno: antes com seu douto, & subtilissimo engenho, & claro discurso serve o Autor de grande honra não só à sua Sagrada Familia, mas tambem à nação Portugueza. E ferà de grande proveito para os Prègadores modernos aprenderem o natural, & genuino dos invetos, a nativa singularidade da repartição, & a ajustada clareza dos discursos, porque em tudo ensina, & deleita. Por onde julgo que he muy digna esta obra de que V. Magestade se sirva de darlhe licença para que se ponha em estampa. Lisboa no Convento da Santissima Trindade em 22. de Julho de 687.

O M. Fr. Balthazar do Basto.

Do

Que se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impressos tornarão a esta Meza pera se conferirem, & taxarem, & sem isso não correrão. Lisboa 24. de Julho de 687.

Roxas. Lamprea. Azevedo. Ribeyro.

Està conforme com o seu original. Coimbra Collegio do Carmo 9. de Junho de 1688.

Fr. Francisco Ribeyro.

Visto estar conforme com o seu original pòde correr. Lisboa 6. de Julho de 1688.

Ieronymo Soares.

Ioão da Costa Pimenta.

Bento de Beja de Noronha.

Peãro de Attayde de Castro.

Fr. Vicente de S. Thomaz.

Estevão de Britto Foyos.

Ioão de Azevedo.

Taxão este Livro em hum cruzado. Lisboa 9. de Julho de 1688.

Mello P. Lamprea. Marchão. Azevedo. Ribeyro.



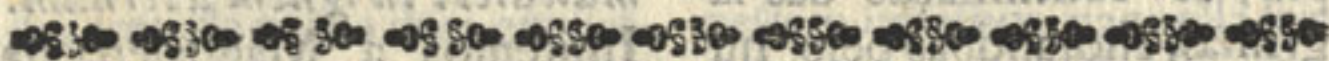
S E R M ã O

D A

S E X T A S E X T A F E Y R A

da Quaresma.

P R E G A D O
 NA CAPELLA REAL DA UNIVERSIDADE
 de Coimbra.



Ab illo ergò die cogitaverunt ut interficerent eum.

Joannis 11.

213



Esta sexta fey
 ra chama cõ-
 mummente o
 mundo a sex-
 ta feyra do cõ-
 selho. E eu dis-
 siera que se em
 hum sentido he sexta feyra
 do conselho, em outro senti-
 do he a sexta feyra sem conse-
 lho. He sexta feyra do con-
 selho tomando este termo
conselho no sentido do Evã-
 gelho, em quanto significa a

juntamento de muytos pera
 votarem sobre algũa propo-
 ta. Porque diz o texto que
 neste dia fizerão os Pontifi-
 ces, & Fariseos hũa junta:
Collegerunt ergò Pontifices,
& Pharisei concilium. Po-
 rêm em outro sentido se pô-
 de chamar sexta feyra sem cõ-
 selho, ou conselho sem conse-
 lho.

214 Porque se o conselho
 neste segundo sentido he hũa
 determinação recta, regulada
 pelos

pelos dictames da prudencia: como se pôde chamar dia do conselho, o dia, no qual em lugar da rectidão, predomina o odio, & a enveja: & em lugar da prudencia presidio a ignorancia? Com mais razão se devia chamar dia, em que se fez junta de inimigos conjurados, que dia, em que se fez congregação de prudentes conselheiros. Por dous titulos foy este conselho contra a razão: foy conselho côtra a razão; porque foy côtra Christo, que he a mesma razão, em quanto Verbo: foy contra a razão; porque se fez a fim de se condenar a innocencia.

215 A proposta do conselho foy esta: *Quid facimus? Quia hic homo multa signa facit: Que fazemos? Como tardamos em atalhar os passios a este homem, que obra tantos, & tão insignes milagres? Este homem! Admirase São João Chrysofomo q̄ lhe chamassem homem: Hic homo: vendo nos milagres rãtos testemunhos de sua Divindade: *Adhuc hominē appellant, cū tale ejus Divinitatis testimonium receperint.* E noto eu que ainda em quanto homem lhe não sabião o nome: *Hic homo:* desprezo he este, q̄*

costuma fazer a enveja: *Præ contemptu, ac invidia nomen ejus non nominant:* diz o mesmo Padre.

216 Assim se houve Caim cô Abel. Perguntoulhe Deos por Abel seu Irmão, & elle respondeo que não sabia de seu Irmão, & não o nomeou Abel: *Num custos fratris mei sum ego?* Assim se houverão com Joseph seus Irmãos: *Ecce somniator venit:* là vem o que sonhou, não differão, là vem Joseph. Assim se houve Saul cô David: *Cur non venit filius Isai?* não o nomeou David, mas filho de Isai. Mas que muyto se Saul envejou a David o applauso, os Irmãos a Joseph a fortuna, Caim a Abel a innocência. He o bom nome de hũ sogeito o mayor estimulo da enveja.

217 O mesmo foy adquirir David hũ grande nome em Israel: *Celebre factū est nomen ejus nimis: q̄ grangear em Saul hũ inimigo grãde: Factus què est Saul inimicus David cunctis diebus.* Dilatouse o nome de David a toda aquella terra: extendese o odio de Saul a toda a vida: fezse immortal o nome de David: fezse mortal o odio de Saul.

Porque Christo resplandece com milagres, porque tem a aceitação do mundo, culpão os conselheiros a remissão em o perseguirem: *Quid facimus?*

228 No mundo ao mais avultado no prestimo, ao mais subido na opinião se fazem de ordinario os tiros. O monte, que mais se levanta, mais se expoem ao rayo, que o fere: o Sol, que mais resplandece, mais fogeito está à nuvem, que o assombra. Não fora o Sol tão lustroso, não fora o monte tão eminente: nem o monte experimentara os tiros dos rayos, nem o Sol as opposições da nuvem.

229 Todo o fundamento desta proposta era húa razão politica, ou pera melhor dizer, húa politica contra a razão; que estas vem a ser de ordinario as politicas do mundo: *Si dimittimus eum sic, omnes credent in eum: & venient Romani, tollent nostrum locum, & gentem:* se não cortamos os passos a este homem, dizião os conselheiros, todos crerã nelle, & o acclamarã por Rey, & por Messias: & estimulados os Romanos virã,

& assolarão a nossa gente, & republica. Oh cegos conselheiros! Por conveniencias temporaes quereis atropellar as leys da justiça, & condenar huma innocencia! Vede que vos ha de succeder muyto ao contrario do que cuidaes; porque virà tempo, em que vereis destruida a vossa gente, & republica: *Temporalia ergò perdere timuerunt, & vitam æternam non cogitaverunt; & sic utrunque amiserunt:* disse elegantemente o grande Agostinho meu Padre.

230 Indecisos os conselheiros não na substancia, mas no modo da sentença, resolveo Cayfáz Pontifice daquelle anno, & presidente do conselho, que era conveniente morresse Christo pera que não percesse o povo todo: *Expedit vobis, ut unus moriatur homo pro populo, & non tota gens pereat:* E sendo este seu dizer profetico, como diz o texto: *Cum esset Pontifex anni illius prophetavit:* no entender de Caifáz foy impio. O Espirito Santo queria significar com aquellas palavras que convinha morresse Christo.

Christo

Christo pera que o mundo se resgatasse do peccado. O que Cayfáz entendeu foy que importava morresse Christo pera que o povo se livrasse do temor dos Romanos.

231 Assistiolhe o Espirito Santo na lingua, & o diabo no coração; porque tinha odio a Christo: *Spiritus Sanctus loquitur in lingua Cayphæ: diabolus assistit in corde:* diz S. Ioão Chrysofomo. Este arbitrio contentou tanto aos congregados, q̄ daquella hora decretarão uniformemente a morte de Christo: *Ab illo ergò die cogitaverunt, ut interficerent eum.* Não houve quem contradifesse ao parecer de Cayfáz. Erão os conselheiros taes como o Presidente. A mayor obrigação dos conselheiros he opporemse à vontade dos Princepes, quando esta encôtra a razão. Doutamête o disse Calsiodoro: *Boni cõsiliarii debent malis volütatibus principis se opponere.*

232 Dizem os Mathematicos que o impetuoso rapto do primeiro movel fora bastante pera soverter o mundo, se o não moderàraõ os Planetas com suas qualidades, &

influencias: & porque os Planetas se oppoem ao movimento arrebatado deste Cèu, por isso se conserva o mundo illeso. São os conselheiros na republica, o que os Planetas no Cèu, são Planetas, que assistem ao princepe, que he o primeiro movel: & quando os movimentos forem arrebatados, tem obrigação de os encontrarem com os seus cõselhos. E os que assim o não fizerem, sendo os Planetas estrellas errantes, só terã de Planetas o serem errantes, & não o serem estrellas.

233 Errados se mostrãõ os conselheiros em concordarem todos com Cayfáz no decreto: & assim cõformemente proferirão cõtra Christo esta sentença: *Ab illo ergò die cogitaverunt ut interficerent eum.* Não só tinham voto consultivo, mas tambem decisivo, eraõ conselheiros, & juntamente juizes. Assim se collige daquellas palavras do texto: *Quid facimus? Si dimittimus eum sic.* E mais claramente das palavras do nosso thema: *Ab illo ergò die cogitaverunt &c.* que no entender de Leoncio, & outros que ré dizer: *Consultatione finierunt,*

*erunt, & firmaverūt eam cō-
muni decreto, & quasi sena-
tus consulto.*

234 *Ab illo ergò die cogi-
taverunt ut interficerent eū.*
Esta foy a conclusão do con-
selho: & esta tambem he a cô-
clusão, que se tirou das pre-
missas do texto, como denota
a particula: *ergò*. Esta conclu-
são, ou se pôde considerar em
quanto narração do Evange-
lista, & assim he conclusão
verdadeira: ou em quanto
conclusão do conselho tirada
das premissas. E neste senti-
do digo que não foy pelos
conselheiros bem deduzida;
porque foy conclusão de hū
conselho sem conselho. Isto
mostrarà o sermão. E como a
conclusão tem tres clausulas:
Ab illo die: eis ahi a primei-
ra: *Cogitaverunt*: eis ahi a
segunda: *Vt interficerent e-
um*: eis ahi a terceira: contra
estas tres clausulas porey tres
razões de duvidar, & tres ra-
zões de decidir.

235 O conselho publico,
qual foy este, pera ser acer-
tado, ha de constar de tres
cousas: de animo bem inten-
cionado, de direcções da pru-
dencia, & não se ha de or-
denar a respeito particula-

res, mas a utilidades com-
muas: *Consilium* (diz hum
Douto) *est ordinatio ex rec-
ta intentione proveniēs, pru-
dentum deliberatione valla-
ta, bonum commune respici-
ens.* Porque o conselho, aon-
de he mal intencionado o a-
nimo, não he conselho, he
paixão. O conselho, aonde
se não seguem os dictames da
prudencia, não he conselho,
he ignorancia. O conselho,
aonde se não attende ao bem
commum, não he conselho,
mas he respeito, ou interesse.
Estas são as partes essenciaes
do conselho. E se eu mostrar
com o mesmo Evangelho,
como faltarão nos conselhei-
ros desta junta, ficarà claro q̄
foy a conclusão de conselho
sem conselho.

236 *Ab illo ergò die cogi-
taverunt ut interficerent eū.*
A ultima clausula do thema
serà a primeira que darà ma-
teria ao discurso: *Vt interfice-
rent eum.* Contra ella pro-
ponho assim a primeira ra-
zão de duvidar. Que os Iu-
deus determinassem tirar a
Christo a vida, não me admi-
ra; porque senão podia es-
perar menos da sua mal-
dade: mas que decretassem

Cicer.
offic. B.
chor. v.
bo con-
silium.

a morte como conclusão: *Ab illo ergò die:* cousa he, que não entendo. Esta conclusão não he legitima em quanto conclusão logica, nem em quanto conclusão juridica de conselho.

237 Não he legitima em quanto conclusão logica; porque esta hase de conter nas premissas: & en não vejo no texto premissas, em que se contenha esta conclusão. Porque as premissas são milagres: *Mul: a signa facit:* são virtudes: *Omnes credent in eum:* E destas premissas se devia tirar por consequencia o applauso, & não a morte: *Interficerent eum.* Nem tambem he legitima em quanto conclusão juridica, ou de conselho; porque no tribunal da justiça não ha consequencia de pena sem antecedente de culpa: *Pæna presuppõnit culpam.* Pintase a justiça, conforme Aulo Gellio, com a espada em huma mão, & a balança em outra. Razão he que a justiça tenha espada pera ferir, mas tambem ha de ter balança pera pezar: porèm ter espada pera offender a vida, & não ter balança pera pezar a causa, isso não he justiça: lo-

go se no texto não ha antecedente, ou premissas de culpa, não he legitima a consequencia da morte: *Interficere eum.*

238 Esta he a primeira razão de duvidar. Mas contra ella vem a primeira razão de decidir. Assim havia de ser pois era conclusão de hũ conselho sem conselho, aonde faltou a primeira parte essencial, que he o animo bem intencionado: *Ordinatio ex recta intentione proveniens.* He verdade que aquella conclusão se não segue conforme os preceitos da logica, & do direito: mas segue conforme as disposicoens do odio, & da enveja. Entraraõ nesta junta os animos dos cõselheiros depravados cõ dous affectos, o do odio, & o da enveja: o do odio cõtra a Innocência de Christo: o da enveja contra os milagres: *Christum odio habebant, & miraculis invidabant.* Vamos primeiro ao odio.

239 Nas disposicoens do odio, das premissas da innocencia se infere bem a conclusão da morte: *Ergò ut interficerent eum.* Mais digo. No tribunal do odio quãto a innocência he mais notoria, tanto a con-

clusão da morte he mais infallivel. No capitulo vinte & quatro do segundo livro dos Reys refere o texto aquella celebre encontro, que teve David com Saul na cova: & como tendo David occasião de lhe tirar a vida, não fez mais que cortarlhe hũ pedaço de vestidura. E despois de contar hũa larga pratica, q̄ entre sy tiveraõ, tira por remate esta conclusãõ: *Abijt ergò Saul in domum suam: & David, & viri ejus ascenderunt ad tutiora loca:* Aquelle: *ergò:* também se refere a David em virtude de cõjunçãõ: *Et.* Não vi eu conclusãõ tão pouco coherente cõ as antecedencias do texto.

240 A consequencia do q̄ David passou com Saul, foy buscar lugares mais accomodados pera a segurança da sua pessoa? Tão temeroso David, quando podia estar mais sossegado? Não tinha David de presente obrigado a Saul cõ a generosa acção de o deixar com vida, tendoa tanto nas suas mãos? Não o confessou Saul assim? *Et tu indicasti hodiè, quæ feceris mihi bona, quomodo tradiderit me Dominus in manũ tuam, & non*

occideris me. Não lhe deu o titulo amoroso de filho? *Nũquid vox hæc tua est, fili mi David?* Não conheço com certeza q̄ David havia de reynar em Israel? *Et nunc quia scio quòd certissimè regnaturus es.* E nesta supposiçãõ não obrigou a David q̄ fizesse cõ elle contratos da paz, & os firmasse cõ juramento? *Et juravit David Saul.*

241 Pois à vista destas confissoens, & destes afagos de Saul pera com David: à vista destes juramentos, & destes beneficios de David pera cõ Saul, tem David que temer? Assim como he imprudencia confiar quando ha razão pera temer, também he cobardia temer quando ha razão pera confiar. E se David tem nesta occasião tantos seguros, pera que se quer prevenir com tântas cautelas, que tire por consequencia do q̄ passou cõ Saul, segurar mais sua pessoa? *Abijt ergò Saul in domũ suam: & David, & viri ejus ascenderunt ad tutiora loca.*

242 Direy o que me parece. Entre os colloquios, que tiverão entre sy, confessou Saul que David era mais justo, & innocente: *Iustior tu es*

es quàm ego. Nenhũ homem, principalmente se he envejofo, avalia a outrem por mais justo do q̃ a sy mesmo: & sendo envejofo Saul, julgar q̃ era David mais justificado q̃ elle, grande abono da innocencia de David! E como David vio q̃ Saul naquella occasião canonifava mais a sua innocencia, então entendeu lhe era necessaria mayor segurança. Fez este discurso. Contra a mayor innocencia se apura mais o odio: agora està a minha innocencia no tribunal de Saul mais qualificada: pois agora està no seu tribunal a minha vida mais perigosa: pelo mesmo cazo que do meu proceder tem melhor conceito, devo eu temer mais o seu odio. E como agora corre mayor risco a minha vida, quero bulcar mayor segurança à minha pessoa: *David, & viri ejus ascenderunt ad tutiora loca.*

243 Do antecedeite da mayor innocência da pessoa tirou por consequencia o mayor risco da vida. E a razão he. Porq̃ como o odio he opposto à innocencia, quanto esta mais se requinta, tanto o odio mais se affia. Sendo fogoso o odio té esta differença do rayo: o ra-

yo afroxa na brádura da cera, & accendese na resistência do bróze: o odio pelo côtrario, afroxa na dureza da maldade, accendese na brandura da innocencia.

244 E sendo no tribunal do odio a innocencia antecedeite da côclusão da morte, ainda o foy mais no caso do prezente Evangelho, aõde o odio concorreo có capa de razão. Querião os Judeus que morresse Christo: & a este fim fizeram junta de muytos conselheiros & dos mayores: *Collegerunt ergò Pontifices, & Pharisæi conciliũ.* Pergũto. E não podião tirar a vida a Christo sem ser por determinação de côselho? Sim podião. Porẽ quizerão pallear a sua maldade; por que cõdenando a Christo em hũ côselho de muytos, & dos principaes do povo, parecesse zelo, o que era odio, parecesse rectidaõ, o q̃ era injustiça: *Factũ est conciliũ, ut Christi cõdemnatio à pluribus fieret, & justa videretur apud popu!ũ:* diz Salmeron. Dar a Christo a morte sem ser em conselho, era cócorrer o odio como odio: decretar a morte de Christo em conselho, era cócorrer o odio có capa de justiça.

245 Este he o estillo ordi-

estava aberta aquella porta do lado. Assim he.

475 Duas vezes se abriu esta porta dos segredos: a primeira no Cenaculo estando Christo vivo: a segunda no Calvario despois de Christo morto. No Cenaculo a abriu João, quando se encoltou no peito: *Cum recubisset supra pectus Iesu*: no Calvario a abriu o soldado, quando lhe meteo a lança: & antes que o soldado tenteasse o peito de Christo fazendo da lança chave, tinha o Evangelista com a sua chave aberto a porta do peito. E por esta razão não uzou o texto do verbo: *Vulneravit*, mas do verbo: *aperuit*: E como o Evangelista senhoreou tanto os segredos daquelle peito como mais valido, teve por porção a chaga do lado: *Portio Ioannis fuit*. Passarão aquelles segredos primeiro do peito de Christo pera o peito de João, do peito do Rey pera o peito do valido: & despois João cõmunicou aquelles, q se podião cõmunicar, a todo o mudo em suas revelações, & Evangelhos: a primeira fonte dos segredos foy o peito de Christo, a segunda foy o peito de João: deste os be-

bẽrão todos os mais.

476 E esta sem duvida foy a razão porque estranhou Christo a Pedro aquella pergunta: *Hic autem quid?* que como era materia de segredo, primeiro tocava a João como mais valido: *Quid ad te*: primeiro aquelle segredo havia de sahir do peito de Christo pera o peito de João: & despois de João pera Pedro: & assim Pedro havia de fazer aquella pergunta a João, & não a Christo. E se a João revelou Christo os mayores segredos, se lhe deu as mayores preminencias, & lhe fez entrega de ambos os lados: que poderá duvidar que foy mais seu valido; & sendo mais seu valido razão teve Christo pera zelar tãto o cuidado de Pedro. *Quid ad te? Zelatus est nimium fervorem Petri.*

477 Esta foy a razão, que teve Christo pera arguir a Pedro. E eu agora pera desculpar a Pedro, me hei de valer da mesma razão de Christo. Pelo mesmo caso q João era mais valido de Christo, havia de empregar Pedro nelle seu cuidado: *Hic autem quid?* Por duas razoens. A pontarey hũa, & seguirey outra. A primeira

M

he;

he; porque era Pedro exemplar de Príncipes, como Ioaõ de validos: & entendeu Pedro que devia empenhar todo o seu cuidado, em quem era de Deos mais valido. Deu andar mais nos olhos dos príncipes, aquelles aquem Deos tras mais nos olhos.

478 Foy Daniel o mais valido de Dario, Ioseph de Faraõ; porque assim Ioseph como Daniel tinhaõ muyto da graça de Deos: *Quia Spiritus Dei amplior erat in illo:* Diz a Escritura de Daniel: *Qui Spiritu Dei plenus sit.* Diz de Ioseph o texto. E se Daniel, & Ioseph por terem mais da graça de Deos, foraõ mais validos daquelles Reys da gentildade: sendo Ioaõ o mais valido de Christo; como não havia de ser emprego do cuidado de Pedro, que era hum Príncipe taõ catholico?

479 A segunda razão he. Lembrarse Pedro do Evangelista, não foy querer competir no cuidado com Christo, foy querer ter a Ioaõ por seu companheiro no governo daquella monarchia. Assim o advertio S. Ioaõ Chrysoffomo: *Cum magna Christus Petro communicasset, orbis*

terrarum curam demandasse, vellet Petrus Ioannem socium & collegam. Pergunto. Que combinação tem, querer Pedro a Ioaõ por seu companheiro, com o ser Ioaõ mais valido? Muyta; porque sendo Ioaõ mais valido de Christo, seria melhor valedor pera Pedro: sendo mais valido, era a sua protecção mais poderosa. Sabia muyto bem Pedro que a Igreja havia de ter logo, como sempre teve, tantos emulos, quantos são os inimigos de nossa Santa Fè: & quiz pera a segurança da sua Igreja a companhia do Evangelista; porque tendo a Ioaõ por valedor, contra todos poderia prevalecer.

480 Alguns expositores são de opiniaõ que o Evangelista conserva a vida até o tempo, em que Christo ha de vir a julgar o mundo, pera se por em campo contra o Ante-christo. Porque he a protecção do Evangelista contra os inimigos da Fè a mais poderosa: & principalmente contra os da ceyta de Mafoma, que são os mayores emulos da Igreja Catholica. Fundase este meu dizer em que na Asia, aonde o Turco tem

tem

tem parte de seu Imperio, levantou o Evangelista muytos templos ao verdadeiro Deos, & poz milagrosamente por terra os templos, & imagens de Diana. E como Diana he o mesmo que a Lua brazão dos Turcos, mostrou naquelle prodigio que havia de ser pera os Turcos o mayor flagelo; & pera os catholicos o mayor patrono.

481 E assim piamente podemos crer que esta admiravel vitoria, que tanto celebra a fama, alcançada de presente pelas armas Catholicas contra as Otomanas, quando foraõ focorrer a Vienna, se cõseguio cõ o patrocínio do Evangelista. Ajuda muyto a esta conjectura o caso, q̄ se conta na relação da vitoria. Que vindo João Rey de Polonia ao socorro de Vienna lhe assistio hũa Aguia real voãdo sempre sobre sua real cabeça por espaço de sete legoas: como testemunhou o P. Fr. Marcos de Aviena religioso de conhecida virtude, q̄ na vespora do feliz dia da vitoria administrou os Sacramẽtos a sua Magestade Polaca, & ao Principe seu filho E sendo a Aguia emblema do Evãgelista, voar sobre a

cabeça do Rey foy pronostico infallivel de q̄ à sóbra daquellas azas havia de cõseguir hũa felicissima vitoria. Pera pôderar este successo nos deu o mesmo Evangelista hũa bê propria figura em seu Apocalypse

482 Vio em o Cêo aquella prodigiosa mulher coroada de Estrellas, vestida de Sol, & calcada de Lua. *Signum magnũ apparuit in Cælo, &c.* E que hum medonho Dragaõ a acometia pera tragar o filho, q̄ tinha em suas entranhas. *Draco stetit ante mulierẽ, quæ erat paritura, ut, cũ peperisset, filiũ ejus devoraret:* vio se em grandes apertos: *Cruciatur.* Porẽm tanto q̄ lhe assistiraõ as azas da Aguia grãde: *Datæ sunt mulieri alæ duæ Aquilæ magnæ, &c.* logo triunfou daquelle Dragaõ monstruoso. Representava aquella mulher a Igreja Catholica q̄ nesta occasião sahio a campo em forma de hũ exercito bê ordenado: *Terribilis ut castrorũ acies ordinata.* Que outra cousa he o Dragaõ, senãõ o exercito dos Turcos; pois cõforme João Viterbiense significa o Imperio mahometico.

483 Acometeo este Dragaõ horrendo com numerooso exercito M 2 m o exer-

exercito: *Traherat tertiam partem stellarum cæli:* as terras da Igreja: *Draco stetit ante mulierem:* querendo tragar o filho, em que se representavão os fieis catholicos. Viose a Igreja em grandes apertos: *Cruciatur.* Pera defenfa daquella mulher, sahio a câpo como general hũ Princepe do Céu mais zeloso da honra de Deos com muytos outros Princepes alistados debaixo de suas bãdeiras: *Michael & Angeli ejus præliabantur cū Dracone.* Pera defenfa da Igreja sahio també a campo hũ Rey, cujo zelo, & cujo valor he mais pera andar encarecido nas azas da fama, q̃ pera se exaggerar cõ as vozes da lingua, João digo Rey de Polonia cõ seu exercito unido cõ o exercito Imperial, q̃ governava o valerosissimo Duque de Lorena, cujas proezas se eternizarão nas memorias por todos os seculos. Hum, & outro exercito constava de esclarecidos Princepes.

484 Deuse a batalha, que foy estrondosa: *Factum est prælium magnum:* de que resultou ficarẽ as armas Catholicas com o mais glorioso triumpho, & as armas Otomanas com o mais fatal estrago

(tendo grande parte nesta victoria alguns Portuguezes, que sendo poucos no numero, forão, como sempre, muytos no esforço.) Ficou o Dragão ou o Turco destruido: *Projectus est Draco ille magnus:* foy lançado fóra das terras da Igreja. Aquella mulher pizava com os pès a Lua: *Luna sub pedibus ejus:* & correspondendo a cada pè meya lua, virãse as meyas luas prostradas aos pès da Igreja. O mesmo succedeo no presente caso.

485 Porque o estandarte real dos Turcos, q̃ trazia por armas as meyas luas entre duas estrellas, tomado valerosamente por El Rey de Polonia, foy mandado a sua Santidade, & alli se vio posto, & rēdido aos pès da cabeça da Igreja. E razão era q̃ este mayor despojo da batalha se fosse oferecer aos pès daquelle grãde Pastor, q̃ com zelo tão catholico, & mão tão liberal cócorreo tão pera esta gloriosa victoria. Pareceo hũ dia do juizo, este dia da batalha; pois se virão as estrellas do estandarte cahidas por terra: *Stellæ cadent:* & as meyas luas ecclipsadas: *Luna non dabit tumen suum:* & banhadas por justo

castigo em o fangue dos Turcos: *Luna convertetur in sanguinem*. Entrou aquelle exercito Otomano soberbo como a Lua: mas se entrou com enchêtes, sahio cõ mingoâtes.

486 Com o amparo das azas da Aguia grande, symbolo do Evangelista, triunfou aquella mulher dos ameaços do Dragão monstruoso. Tambem se pode piamente crer q̃ com o patrocínio do grande Evangelista, que na figura de Aguia assistio ao Rey de Polonia cõ suas azas, triufou a Igreja do numerofo exercito Otomano. Quem visse sahir a campo a Ioão Rey de Polonia, & ao exercito Imperial contra os Turcos, logo lhe poderia pronosticar a vitoria. Porq̃ alem de estarem à sombra das azas do Evangelista, o Rey de Polonia tinha o nome de João: & seria Ioão no affecto, como o era no nome. O exercito Imperial levava por brazão do seu estandarte as Aguias: & cõ tantos brazoês do Evangelista, como não havia de ser a vitoria infallivel? Como não havia de ser o triunfo admiravel?

487 Voou o exercito catholico: *Vt volaret*: não só porq̃

pellejou à sombra das azas do Evangelista, mas porq̃ véceo: & a vitoria pintase cõ azas: voaraõ os Turcos; porq̃ desapparecêraõ: *Neque locus invetus est eorũ amplius*. Como João foy o mais valido de Christo, foy també o melhor valedor pera a Igreja. Assim o entêdeo Pedro, quando fez aquella pergunta: *Hic autem quid?* Não foy o intento de Pedro competir no cuidado, q̃ mostrava ter de João, com Christo, mas pedir a Christo lhe desse a João por companheiro no governo daquella prelasia: *Vellet Petrus Ioannem socium, & collegam*: julgando q̃ contra os inimigos da Fé seria melhor patrono, quem era de Christo mais valido. E esta he a segunda desculpa de Pedro àquella reprehensão de Christo: *Quid ad te?*

488 Foy finalmente Ioão no valimento singular, & unico. Não digo que só Ioão foy valido de Christo, mas q̃ entre os validos de Christo foy unico, & singular. A terceira razão q̃ teve Christo pera estranhar a Pedro aquella pergûta: *Hic autem quid?* foy a meu entender, por tratar Pedro de Ioão, quando como a Pastor uni-

versal lhe tinha cometido o cuidado de todos os homens: *Pasce oves meas.* E querer Pedro redozir à classe dos outros homens a João, quando João só per sy fazia classe, tratar de João, quando tratava dos mais: isso foy, o que estranhou Christo: *Quid ad te?* Como se dissera: Oh Pedro, João deve ser unico, & singular no vosso cuidado; pois he singular, & unico no seu merecimento, & no meu amor: só per sy faz classe.

490 Na noyte da Cea disse Christo a Iudas que executasse com pressa a trayção, que machinava: *Quid facis fac citius:* & affirma o texto que nenhum dos Discipulos entendêra o sentido daquellas palavras: *Hoc autem nemo scivit discumbentium ad quid dixerit ei.* S. Cyrillo, Chartusiano, Beda, Caietano, & outros mais são de parecer que o Evangelista soube este segredo da trayção. O q̄ supposto não he fácil concordar a verdade do texto com esta sentença dos Padres.

491 A proposição universal pera ser verdadeira, a todos ha de comprehender, principalmente quando he

negativa: & eu não fey como possa ser verdadeira aquella proposição universal: *Nemo scivit.* Se João era hum dos Discipulos de Christo, & não ignorou aquelle segredo: como diz o texto que nenhum dos Discipulos o loube? *Nemo scivit.* De duas hũa: ou havemos de dizer que João não foy hum dos Discipulos, ou que não ignoraraõ todos os Discipulos aquelle segredo: & assim hũa como outra couza he contra a verdade do texto.

492 Ora digo que aquella opinião dos Padres não encontra a verdade do texto. Não he contradição ignorarem todos os Discipulos aquelle segredo, & alcançalo o Evangelista; porque por unico foy exceição de todos: como saber segredos he privilegio dos validos, em materias de valimento não entra João na classe de todos os Discipulos; porque entre os Discipulos todos foy unico, & singular no valimento de Christo, per sy só faz classe. As regras geraes não comprehendem a quem he unico, & singular: & assim bem se compadece ignorarem todos os Discipulos

aquelle segredo: *Nemo sci- vit*, & Ioaõ fabelo. E como Ioaõ foy unico no valimento de Christo, julgou Christo q̄ tambem o devia ser no cuida- do de Pedro. Tão singular- mente foy Ioaõ valido de Christo, que quiz Christo q̄ o amor dos outros pera com Joaõ, se regulasse pelo seu mes- mo amor: & que fosse amado de todos com a mesma singu- laridade, com que foy seu va- lido.

493 Antes de Christo expirar na Cruz fez entrega a sua Mãy Santissima do E- vangelista: *Mulier ecce fi- lius tuus*: Mulher eis ahi o vosso filho. E diz Pedro Da- mião que aquellas palavras ti- nhaõ este sentido. *Ecce Ie- sus, quem genuisti*. Este Dis- cipulo, que vos deixo em lu- gar de filho, he o mesmo Ie- sus, que gerastes em vossas en- tranhas. Notavel encareci- mento! Mas não quiz dizer o Padre que era o mesmo fi- lho em quanto à realidade do ser: mas que havia de ser pera a Senhora, como o mesmo em quanto à singularidade do a- mor.

494 E vejamo-lo em hũ bom reparo, que se offerce

no mesmo texto. Quando Christo fez esta entrega à Se- nhora, não lhe chamou Mãy, chamoulhe mulher: *Mulier ecce filius tuus*. Pergunto: ficando a Senhora Mãy do E- vangelista, deixava de ser Mãy de Christo? Não Pois que mysterio tem não lhe dar Christo o titulo de Mãy, quando a nomea Mãy do E- vangelista? Direy. Se lhe chamãra Mãy, como este no- me he respectivo, faziãsse fi- lho: & parece (ao nosso mo- do de entender) se quiz Chri- sto como eximir do titulo de filho, pera que ficasse Ioaõ por filho unico, sendo unico emprego dos cuidados mater- nos da Senhora.

495 Como se dissera Chri- sto: ahi vos entrego o meu E- vangelista: & como foy uni- co, & singular na minha esti- mação, quero que o seja tam- bem no vosso cuidado: ha- veis de substituir nelle de sor- te o meu amor, que o ameis u- nicamente, ou como filho u- nico; & porque sejais só pera Ioaõ Mãy amorosa, vos con- sidero pera mim como mu- lher estranha: *Mulier*: deste modo ficará sendo vosso ama- do, como foy meu valido.

Quiz Christo que pelo seu amor se regulasse o amor da Senhora, como tambem o de Pedro pera cô Ioão; pera que fosse singular nas estimações, quem era unico nos merecimentos. E como Christo vio q̄ Pedro não singularizava a Ioão entre os mais; pois no mesmo tempo, em que tinha por sua conta os mais, empregava nelle o seu cuidado, razão teve pera lhe estranhar a pergunta: *Quid ad te?*

496 Este foy o fundamêto, que teve Christo pera reprehender a Pedro. Eu agora no mesmo, acho algũa razão pera desculpar a Pedro com Christo. No modo, com q̄ Pedro tratou de Ioão, mostrou q̄ era Ioão unico, & singular no seu cuidado. Não nos afastemos do texto. Cometeo Christo a Pedro como a Pastor universal o governo de todos os homens: *Pasce oves meas:* & não vemos q̄ perguntasse Pedro o q̄ havia de ser dos mais, só inquirio o que havia de ser de Ioão: *Hic autem quid?* Mais Mandou Christo a Pedro que o seguisse: *Sequere me:* & voltando Pedro o rosto poz os olhos em Ioão, que seguia a Christo. *Conver-*

sus Petrus vidit illum Discipulum, quem diligebat Iesus, sequentem.

497 Pergũto. Não seguião tambem a Christo os mais Discipulos naquella occasião? Sim. Porém Pedro divertio os olhos dos outros pera os empregar em João. Pois se Pedro pera tratar só de Ioão, se descuida dos mais: *Hic autem quid?* Se diverte os olhos dos mais pera os empregar só em João: *Vidit illum Discipulum:* bem se segue q̄ foy Ioão unico emprego de seus olhos, unico objecto de seus cuidados. E assim havia de ser singular no cuidado de Pedro, quem foy unico entre os validos de Christo. E esta he a terceira desculpa àquella reprehensão de Christo: *Quid ad te?* que se dà por parte de Pedro.

498 Temos visto a Pedro reprehendido, & a Pedro desculpado. De hũas, & outras razoens se colhe ser Ioão melhor valido, o mais valido, & entre os validos unico. E se Christo Rey da Gloria, & Pedro Principe da Igreja se mostraraõ taõ empenhados em serem Evangelistas: bem se infere (como eu dizia no principio

capio

a pertença foy consequencia. *Quid ergo?* que se inferio daquelle antecedente: *Ecce nos reliquimus.* Precedo como antecedente o merecimento de deixar: & daqui se tirou por consequencia o pertender: *Quid ergo erit nobis?* Consequencia he esta que colhe, he formal consequencia.

720 Mas agora se offerece mayor duvida. Quem deixa, não pertende: & quem pertende não deixa: como se pode logo inferir do deixar tudo: *Reliquimus omnia:* o pertender algũa cousa? *Quid ergo erit nobis?* Direy. No sentido, em que os Apostolos deixarão, não pertenderão. Eu me explico. Deixarão tudo o da terra: *Omnia* & pertenderão premios do Cèo: *Quid ergo erit nobis præmij in Cælo:* explica o Alapide. Este modo de pertender, não se encontra com aquelle modo de deixar. E quando do mundo tudo deixão, então os elege Deos pera prelados do mundo: *Sedebitis tanquã principes orbis:* Diz hum grande Expositor dos Evangelhos.

721 E que bem imitou a

conversaõ, ou eleição de Agostinho o Evangelho. Se quando Christo elegeo aos Apostolos, deixarão, & não pertenderão, também na eleição, que Deos fez de Agostinho, Agostinho não pertendeo, & deixou. Deixou, porque a conversaõ diz deixação. He a conversaõ hum transito do termo *à quo* pera o termo *ad quem:* o termo *à quo* he o mundo, que se deixa: o termo *ad quem* he Deos, a quem se busca. Deixou Agostinho tudo, que era do mundo: não fô os bens, que possuia, mas as honras, com q̃ no seculo se achava.

722 Que Agostinho não pertendesse a prelasia, pera q̃ Deos o destinou em sua conversaõ, bem se mostra; pois pera elegelo, foy necessario chamalo: *Qui de tenebris gentium lumen Ecclesie sue vocavit Augustinum.* Recostado Agostinho a hũa arvore, & entregue ao sono ouvio aquella voz mysteriosa, com q̃ Deos o chamava: *Tolle lege: tolle lege:* quando os mais sonhão com as dignidades, Agostinho dorme nas pertençoens: quando Deos em lhe dar a prelasia se mostra tão

cui-

cuidadoso, então dorme Agostinho mais descuidado. E se quando os Apostolos tudo do mundo deixão, os elege Deos pera prelados do mundo: *Sedebitis tanquam principes orbis*: se quando Agostinho deixa todas as honras do seculo, o chama Deos pera prelado da Igreja: bem se segue q̄ moveo a Deos pera os eleger, o merecimento do deixar.

723 He o primeiro documento, que nos dà o Evangelho, & o nosso grande Presidente. Que pera os lugares se ha de fazer eleição, não daquelles, que os buscão, mas dos que os deixaõ: não dos q̄ se desvelão em os pertender, mas dos que se descuidão de os procurar. Nestes sogeitos assentão bem os lugares; porq̄ assim como o fugirlhes he merecelos, o buscalos he desmerecelos. Pera quem deixa, por mayor que seja o lugar, não he grande: & pera quem busca, por menor que o lugar seja, não he pequeno. *Mihi mundus crucifixus est: & ego mundo*. Dizia São Paulo. O mundo está crucificado em mim: & eu estou crucificado no mundo.

724 Na verdade q̄ não posso entender como pudesse Paulo crucificar-se no mundo, & o mundo em Paulo. Bem sey que o homem he hum mundo, mas he mundo pequeno: & hum mundo pequeno como se pode comensurar com hum mundo grande? Tambem sey que assim o mundo como o homem he cruz. O mundo he cruz, cuja cabeça he o Oriente: os pès, o Occidente: os braços, o Norte, & Sul. He o homem cruz como mostra a delineação do seu corpo, que tem cabeça, pès, & braços. E já là o fez Deos à semelhança de cruz formando de terra das quatro partes do mundo, como advirtio o grande Agostinho.

725 Porèm isto não solta a duvida. Porque ainda q̄ o mundo seja cruz, he cruz muyto mayor que o homem: & ainda que o homem seja cruz, he cruz muyto menor q̄ o mundo. E sendo a cruz lugar de quem se crueifica: como pode hum só homem ser lugar de todo o mundo? E como pode todo mundo ser lugar de hum só homem? Paulo taõ pequeno ha de occupar hum

hum

hum mundo tão grande? E hum mundo tão grande ha de caber em Paulo tão pequeno? Sim; que isto he ser Paulo, & isso he ser mundo: estes são os milagres do deixar: estes são os defares do pertencer.

726 Ora notem. Paulo convertido deixou o mundo, fugialhe: & o mundo ambicioso buscava a Paulo. Paulo não queria ter lugar no mundo: *Desiderium habens dissolvi, & esse cum Christo:* & o mundo queria ter entrada em Paulo, ou pera o attrahir com seus enganos, ou pera o prender com suas lisonjas: de sorte que quando Paulo dava as costas ao mundo, queria o mundo dar os braços a Paulo. E como Paulo fugia ao mundo, não era o mundo grande lugar pera Paulo: & como o mundo buscava a Paulo, não era Paulo pequeno lugar pera o mundo.

727 Os lugares não se medem pelo que em sy são, mas pelo modo, com q̄ se avaliaõ: falsos grandes a nossa estimação, & pequenos o nosso desprezo. Se buscais hum lugar, por pequeno que seja, pera vos he grande; se lhe fu-

gis, por grande que seja, pera vos he pequeno. E assim da resolução, com que Paulo deixava o mundo, nascia não ser o mundo grande lugar pera Paulo: & da ambição, com que o mundo buscava a Paulo, procedia não ser Paulo pequeno lugar pera o mundo; por isso bem podia o mundo ser cruz de Paulo, & Paulo cruz do mundo: *Mihi mundus crucifixus est: & ego mundo.* Na materia de lugares, o deixar he melhor traça pera os merecer.

728 E que bem seguio este documento o filho de Agostinho, quem hontem elegemos em prelado. Esta foy a terceira vez que este lugar se lhe offerecco, & a primeira que o não rejeitou. Nos dous capitulos antecedentes tinha não só os votos, mas as acclamações de todos: porèm pode mais a sua resiltencia q̄ o commum applauso: sendo elle o acclamado, quiz q̄ fossem outros preferidos, uzando de sua prudencia, porque fenaõ seguisse a menor divisaõ na Provincia. E quem assim sabe engeitar prelasias, & dar de mão a preferencias, bem mostra ser hũ rayo parti-

cipado do Sol de Agostinho, & como tal, fogueito de grandes prendas, & cétro de muitas luzes.

729 Ao sahir a luz se encontraraõ em o ventre materno aquelles dous irmãos Zara, & Farès. Lançou Zara a mão, & atarãolhe nella hū listão: *In qua obstetrix ligavit coccinum:* que vem a a ser o mesmo que hūa prenda. Ah prendas que atacs, & prendeis as mãos aos fogueitos! Devendo ser laços pera os coraçõens alheos, sois prisoens pera as mãos proprias. Recolheo Zara a mão, dando lugar a que sahisse primeiro Farès: *Illo verò retrahente manũ, egressus est alter.* Devia de entender que montariaõ pouco no mundo prendas com mãos atadas. No que repato he, que por remate deste successo, lhe dessem o nome de Zara: *Quem appellavit Zara: Zara he o mesmo que oriens.*

730 E que combinação tinha este nome com aquelle successo, ou que conveniencia pera se applicar a este fogueito? Muito. He o Oriente berço dos rayos do Sol, & centro de

suas luzes: & só este nome podia ser boa diffinição daquelle fogueito. E a razão he. Zara pera sahir primeiro a luz, teve as acclamaçoens: *Iste egredietur prior:* E no estender da mão, mostrou, q̄ na sua mão estava o ser primeiro. E não obstante isto, recolhendo a mão, deu de mão à primazia: *Illo verò retrahente manũ egressus est alter.* E a causa disto a meu ver foy mysteriosa.

731 Se Zara sahir primeiro, havia selhe de seguir Farès: & como Farès he o mesmo q̄ divisaõ: *Quare divisa est propter te maceria?* Era seguirselhe hūa divisaõ. Accomodado foy logo o nome de Zara, ou de Oriente pera o successo, & pera o fogueito; porq̄ quem podendo ser primeiro, quiz ser segūdo: sendo elle o acclamado, quiz q̄ fosse o outro preferido, engeitando a primazia só porq̄ a esta senão seguissẽ hūa divisaõ: quem cedeo a hū oppositor, que podia dividir: he fogueito de grandes prendas, & centro de muitas luzes: *Zara hoc est Oriens:* o listão, que lhe atarão mostrou que era

prendado: o nome, q̄ lhe de-
rão, mostrou que era luzi-
do.

732 O lugar não neces-
sita de applicação. Sò digo q̄
quem assim sabe engeitar pre-
ferencias, por evitar discor-
dias, bem mostra no luzimẽ-
to ser filho do Sol de Agosti-
nho, que hoje prezide: he
propriamente luz oriente: *O-
riens*; porque hontem nos a-
manheceo pera o governo
deste nosso Emisferio da Re-
ligião. Oh ditoso filho, q̄ se
seguistes tanto aquelle grãde
Pay no deixar, também o imitas
no luzir! Sirva esta eleição de
exemplar pera as mais, que se
haõ de fazer. Assim no lo per-
suade o Evangelho; pois quã-
do os Apostolos tudo o do
mundo deixão: *Ecce nos re-
liquimus omnia*: então os e-
lege Deos pera prelados do
mundo: *Sedebitis tanquam
Principes orbis*. Isto nos en-
sina tambem a conversão de
Agostinho; pois quando nel-
la renúcia todas as honras do
seculo, então o elege Deos pe-
ra prelado, & luz de sua Igre-
ja: *Lumen Ecclesie sue vo-
cavit Augustinum*.

733 Temos visto o pri-
meiro motivo, q̄ teve Christo

pera eleger os Apostolos em
prelados. Vejamos o segũdo.
Este despacho de Christo
naõ só respeitou a resolução
com q̄ deixãrão: *Ecce nos re-
liquimus omnia*: mas també
o modo, com que pedirão:
Quid ergo erit nobis? Esta
petição fez Pedro em nome
de todos os Apostolos. E se
qualquer dos Apostolos era
benemerito: como não foy
qualquer per sy mesmo per-
tendẽte? Procure Pedro muy-
to embora pera sy, mas tratem
tambem de sy os outros. Deu
a razão S. João Chrysofomo.
Pedro como cabeça fez a pe-
tição em nome de todos: &
todos se vnirão, & compro-
metẽrão em Pedro como em
cabeça: *Petrus tanquam to-
tius Collegij Apostolici ca-
put pro omnibus rogat; quod
quidem eos maxima unione
colligatos commendat*.

734 Oh que grande ca-
beça! Tratava igualmente de
sy & dos outros. Perĩeder ca-
da hum pera sy, era mostrarẽ-
se parciacs nas vontades: cõ-
prometeremse em Pedro, era
mostraremse unidos nos ani-
mos. E como não havião de
sahir bem despachados, os q̄
em hũa só cabeça estavão tão
uni-

uni-

unidos. Isto succedeo naquelle Collegio Apostolico: & isto succede em qualquer republica ecclesiastica. Em qualquer republica, a felicidade das eleiçõs consiste na conformidade dos animos: a inteireza dos despachos, na união das vontades. Republica, ou governo aonde são muytas as cabeças, tudo são tropeços: porèm aonde todos se unem em hũa só cabeça, tudo são acertos.

735 A differença entre hum, & outro governo comparo eu à differença, q̄ ha entre o Sol, & a sombra. O Sol primeiro busca, & cobre os montes que os valles: a sôbra primeiro cobre os valles que os montes. São os montes sogeitos eminentes, os valles sogeitos inferiores: & montaõ mais com o Sol os montes, q̄ os valles: valem mais com a sombra os valles, que os montes. Assim succede nos governos: se he de muytas cabeças, não se faz a estimação devida dos mais benemeritos: porèm se he de hũa só, & boa cabeça, logo dos benemeritos se faz a devida estimação.

736 Dous prodigios entre muytos admirou o Evan-

gelista em seu Apocalypse: hũa mulher vistosamente luzida: *Signum magnum apparuit in Cælo: Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarũ duodecim:* & hum Dragão, q̄ a acometeo horrêdo: *Et visum est aliud signũ in Cælo: Draco magnus &c.* E noto eu que tendo assim a mulher, como o Dragão estrellas: as da mulher se viaõ em o auge da vêtura; porq̄ as tinha sobre sua cabeça: *In capite ejus corona stellarũ duodecim:* as do Dragão no infimo da desgraça; porq̄ as trazia arrastadas por terra: *Cauda ejus traherat tertiam partem stellarum Cæli, & misit eas in terram.*

737 E sendo a cabeça a esfera, aonde as prendas se estimaõ, & os pès o lugar, aonde se desprezaõ: trazelas a mulher sobre a cabeça, era mostrar a estimação, q̄ dellas fazia: & atropellalas o Dragão com os pès, era dar a entender o desprezo, com que as tratava. As da mulher eraõ contadas: *Stellarum duodecim:* as do Dragão eraõ sem cõto: *Traherat tertiam partem stellarũ Cæli.* Pois tão poucas

estrellas com tanta ventura, & tantas com tão pouca estrella? Donde nasceo a desgraça destas, & a ventura daquellas; pera que estas andem pelos pés abatidas, & aquellas sobre a cabeça estimadas?

738 Direy. Assim aquella mulher como o Dragão representavão huma republica: da mulher o dizem commumente os Padres; pois figurava a Igreja: do Dragão o affirma Alcazar, que representava a republica infernal: huma era republica bem ordenada, outra era a mais desordenada republica. E como qualquer republica he hum corpo mystico: a republica representada em a mulher, era corpo com huma só, & tão lustrosa cabeça: *In capite ejus*: & a republica representada no Dragão era corpo com muytas cabeças: *Et ecce Draco magnus rufus, habens capita septem, & cornua decem.* As estrellas symbolisaõ os benemeritos, & os luzidos; & por isso estes no governo de hũa só cabeça se vião no mayor auge da estimação: & no governo de muytas cabeças se vião no mayor extremo do def-

prezo.

739 Na republica, aonde governa hũa só cabeça, estimãose as prendas: & aonde governão muytas, atropelãose os merecimentos; & por isso aquella mulher trazia as estrellas como coroa sobre sua cabeça: *In capite ejus corona stellarum duodecim*: & o Dragão, como se forão estropayos as arrastava por terra: *Misit eas in terram*. Aquelle governo, como era de huma só cabeça, era luzido: *Amicta Sole &c.* este como era de muytas cabeças, era pouco ajustado, tinha muytas pontas: *Cornua decem*: que aonde saõ muytas as cabeças, saõ muytas as pontarias: he este governo bicha de sete cabeças, ou pera q̄ melhor o diga, não tem pés nem cabeça.

740 Mas oh que nesta prodigiosa mulher vejo hum retrato da republica, & familia de minha sagrada Religião; porque tinha a protecção das azas daquella Aguia grande: *Data sunt mulieri ale duæ Aquile magnæ*: tinha por sua morada o ermo: *Vt volaret in desertum in locum suum*. E republica que está à sombra

bra

bra das azas da Aguia grande, que outra cousa he mais que a familia do grande Agostinho? Republica no ermo, que outra cousa he mais q̃ a illustrissima Religiaõ dos Eremitas? Oh venturosa republica! Oh gloriosa familia, que se governa com huma só & taõ boa cabeça!

741 E como he tambem governada, por isso a vemos taõ luzida: *Amicta sole*: tudo saõ luzes, porque tudo saõ acertos: & como he taõ ajustada a cabeça, que naõ falta com a coroa ao merecimento, o mesmo merecimento lhe esta servindo de coroa: *In capite ejus corona stellarum duodecim*. E pois os luzidos membros do corpo deste capitulo se vem unidos em hũa taõ prudente cabeça, naõ temos que recear, que fique a justiça offendida, nem o merecimento queixoso. Estas saõ as consequencias de huma uniaõ. E porque os Apostolos se mostraraõ em huma cabeça taõ unidos, por isso sahirãõ bem despachados.

742 Qualquer dos Apostolos era hum princepe

do mundo: *Constitues eos principes super omnem terram*: & com tudo todos se uniraõ, & comprometerãõ em o princepe da Igreja Pedro como em cabeça. Grande credito, & esplendor de hũa Religiaõ he ter muytos sogeitos, que possaõ ser cabeças: mas tambem he grande esmalte desta perfeiçaõ, q̃ sendo muytos no numero, se sogeitem a hum só no governo: que sendo muytos no ser, sejaõ como hum só no obrar: & se conformem entre sy de tal maneira, que tenham o mesmo entendimento pera os arbitrios, a mesma vontade pera as determinaçoens: de todos saia a mesma voz, todos fallem pela mesma boca, & pela mesma lingua: & logo as eleiçoens de capitulo terãõ eleiçoens do Espirito Santo.

743 Em abrazadas linguas desceo o Espirito Santo do Cêo à terra, & se poz sobre as cabeças dos Discipulos: *Apparuerunt illis dispersitae linguae tanquam ignis, seditque supra singulos eorum*. E notey eu que lendo muytas as linguas: *Apparuerunt dispersitae linguae*: parece

nos olhos do corpo, mas nos da alma. § 833.

Semelhança.

He grande mezinha nos males ter nelles semelhança. §. 1034.

Sereas.

O canto das Sereas no mar he final da tempestade, & do naufragio. §. 579.

Serpente.

A Serpente sobre a pedra symbolo da conversão da Magdalena. §. 187.

A Serpente representa huma alma peccadora. §. 187.

Vay a Serpente beber à fonte, & primeiro poem de parte o veneno: & depois de beber o recolhe outra vez: & se o não recolhe morre. §. 189.

A Serpente quando se quer renovar poem se sobre hũa pedra, & ahi despe a pelle antiga. §. 195.

A Serpente começa a despir a pelle pella cabeça. §. 196.

Quem runha os olhos na Serpente de metal farava. §. 210.

Silencio.

O Silencio, & admiração são os melhores panegyristas. §. 308.

Sol.

O Sol he Rey dos astros. §. 332.
Dous testemunhos tem o Sol, hum quando nasce, outro quando morre. §. 636.

Os astros não entrão em classe com o Sol. §. 644.

O Sol foy aquella mesma luz que Deos no primeiro dia dividio das trevas. §. 712.

Successor.

Pera succeder a hum grande Prelado he necessario hum homem q̄ valha por muytos. §. 773.

Tocha.

A tocha relplandece com diminuições. §. 610.

Dous effeitos da tocha. §. 787.

A luz da tocha serve pera alumiar nas auzencias do Sol. §. 791.

Turcos.

O Exercito dos Turcos representa do no Dragaõ do Apocalypse. §. 482.

As meas luas entre duas estrellas armadas do Turco postradas aos pès da Igreja. §. 485.

Validos.

O valido ló ha de cuidar em fazer ao Rey muitos serviços sem attender aos seus augmentos. §. 439.

Os que assim o fazem perpetuam se no valimento. §. 442.

Os validos do mūdo querem se conservar com a opiniaõ ainda que estejão excluidos da graça, §. 446

Ao valido hao de levar a inclinaçãõ da vontade, & não a conveniencia propria. §. 450.

Diferença entre os validos do Cèo, & os validos do mundo. §. 450. & seq.

São os validos como a luz do fogo, & como a luz da Estrella. §. 452.

O valimento do mundo he hum favor da fortuna. §. 463.

O valimento do Cèo fundale no merecimento. §. 463.

Sõ estão os validos seguros, quando os Reys lhes poem os olhos. §. 512.

Vara.

Vara.

- A vara he symbolo da penitencia. §. 192.
 A vara de Moylés cõverteo as agoas do Nilo em langue §. 686.
 Na vara de Moylés estava elculpido o nome de Iesvs. §. 700.
 A vara de Moylés tinha quatro lados §. 700.
 Vara milagrosa, que está junto da sepultura de Agostinho. §. 846.

Verdade.

- Negão os homens a verdade os ouvidos, & dãohe as costas. §. 594.
 A verdade não acaba §. 600.
 A verdade de Deos he eterna por dous titulos. §. 600.

S. Veronica.

- O que S. Veronica vio em hum extasis. §. 877.

Victima.

- Costumavão antigamente coroa-remte as victimas. §. 581.

Vitoria.

- A vitoria pintale com azas. §. 487.

Vida.

- A vida do homem comparete ao circulo. §. 12.
 A nossa vida he morte. §. 28.
 A nossa vida não tem successão; porq̃ he hum ponto. §. 29.
 A nossa vida a respeito da eternidade he como hum momento. §. 29
 He tão morte a nossa vida que primeiro na nossa existencia se entēde o acabar, que o viver. §. 33.
 A vida comparete ao lonho. §. 33.
 A vida a respeito do homem existēte he como cousa já passada. §. 35.
 Viver com afflicções não he viver he peregrinar. §. 652.

Virgem Senhora Nossa.

- O Corpo & Sangue que Christo nos deu no Sacramento se formou do precioso nectar dos peitos da Senhora. §. 956.
 Sempre as flores da Senhora se virão unidas com os frutos. §. 958.
 Levantar a voz pera dar graças, & louvores à Virgem Senhora Nossa não he occupação dos terros, mas exercicio de Principes, & de Reis §. 962.
 A Virgem Senhora nossa representada no livro do Apocalypse §. 977
 Renovar a devoção perdida da Senhora he meyo pera alcançar a vida, & laude. §. 980.
 Recebo Christo da Senhora hum ser tão puro, que por não haver duvida, se este ser era quasi Divino, foi importante que a fé nos ensinasse o contrario. §. 986.
 Revelação que a Virgem Senhora Nossa fez a S. Brigida do sentimento q̃ teve na payxão de Christo. §. 1046,
 A espada que atravessou a Virgem Senhora Nossa foy seu proprio amor. §. 1062.

Virtude.

- A virtude pera obrar mais connaturalmente ha de estar no proprio logeito. §. 632.

Visão.

- A visão dos quatro animaes de Ezechiel he a mesma, que a dos do Apocalypse. §. 459.

Vnião.

- Sahem bem despachados, os que se unem em hũa cabeça. §. 734.

Unico.

Mais he ser unico que ser primeiro.
§. 643.

Vontade.

A vontade não pode querer o impossivel, como tal. §. 856.

A razão formal que move a nossa vontade pera amar he a bondade & cōveniencia do objecto. §. 856.

Vrbano.

O Papa Vrbano oitavo chamou a Portugal o Benjamin da Igreja Catholica. §. 501.

Zara.

Zara com o listaõ em a maõ mostrava ser hum escravo do Sacramento. §. 428.

Zara he o mesmo que *oriens*. §. 729.

F I N I S.



